

“Don't Trust The Promise Of Artificial Intelligence”

O debate sobre a premissa “Don't Trust The Promise Of Artificial Intelligence” apresentava um painel que de um lado, a favor da premissa, continha Jaron Lanier e Andrew Keen, e do outro, contrário, James Hughes e Martine Rothblatt. A discussão não era especificamente sobre a existência de IA's mas sim sobre o discurso promovido pelos seus desenvolvedores, e a fantasia e promessas geradas pelos tais.

De forma geral JH + MR defenderam com um discurso bem utópico e positivo sobre a criação de IA's, usando como argumento por exemplo o potencial uso para a medicina, para pacientes com alzheimer, funcionando como uma “cadeira de rodas mental”.

Em contraponto, JL + AK se opunham ao discurso positivo e a fantasiação, apontando que o questionamento sobre a moralidade das IA's é errado e irrelevante, que a pergunta deveria ser se as pessoas conseguem utilizar essas ferramentas com responsabilidade, com intenção. “O resto é fantasioso”. Adicionar uma camada discursiva de “como estamos transcendendo” com a tecnologia - assim como outros apontamentos da relação da tecnologia e religião - só tiram o foco de questões que realmente importam. Apontaram também como a fantasia dessa grande entidade de IA faz com que nós nos esqueçamos da nossa própria contribuição, usando o exemplo das ferramentas de tradução que funcionam a partir do mapeamento do trabalho de milhares de tradutores.

Considero o debate bastante relevante porque comumente nos levamos a crer em narrativas fantasiosas, verdadeiros fetiches espirituais sobre o potencial do que podemos ser com tais ferramentas, assim como sua ruína. Como usuários finais ficamos com uma visão distante do desenvolvimento, perpassada por essa aura misteriosa. De fato, acho que a questão sobre “desenvolver IA's - assim como qualquer outra ferramenta - ou não” irrelevante, enquanto o entendimento das consequências, inclusive emocionais, é o que realmente deveria ser o foco. Me incomoda num geral o quão casual e íntima é a nossa relação com as ferramentas sendo que as mesmas são desenvolvidas por empresas cuja intenção principal é lucro e não o meu bem estar em nenhum aspecto, ainda que, ironicamente, eu ame e trabalhe diariamente com essas ferramentas.

Por outro lado, eu também acredito que o Transhumanismo e afins tem alguns pontos interessantes, e acho que em algum momento essas questões vão ser mais pulsantes e concretas; eu acredito que haverá sim um momento em que vai ser muito fácil criar uma IA (afinal, o que eu “sou” já está completamente mapeado pela Google nesse momento... o Google Takeouts já parece um início de upload da minha consciência em uma nuvem eterna). E no momento em que isso acontecer - que será de forma incontável por nós, como tudo o que já está acontecendo - novos sentimentos e vocabulários irão surgir: novas fés, religiões, escolas de pensamento, partidos políticos, estilos de vida. O que parece utópico pra mim não é esse cenário, e sim pensar que as consequências, e principalmente, os caminhos utilizados para alcançar essa nova realidade, serão de boa fé, e não baseados em exploração e concentração de recursos, como a história já nos provou esse tempo todo.